

Viriato Soromenho-Marques

# ANTECIPAR E CUIDAR DO FUTURO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

## **FICHA TÉCNICA**

### **TÍTULO**

ANTECIPAR E CUIDAR DO FUTURO

### **AUTOR**

VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

### **EDITOR**

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

### **EDIÇÃO**

ANTÓNIO SANTOS TEIXEIRA  
SUSANA PATRÍCIO MARQUES

### **ISBN**

978-972-623-286-5

### **ORGANIZAÇÃO**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa  
R. Academia das Ciências, 19  
1249-122 LISBOA  
Telefone: 213219730  
Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt  
Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2015  
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor



## ANTECIPAR E CUIDAR DO FUTURO

Viriato Soromenho Marques

A ORIGEM das Academias das Ciências nos mais diversos países europeus terá tido na imaginação dos Modernos a sua força propulsora. Francis Bacon começou a escrever a sua *New Atlantis* – uma obra utópica sobre o papel da ciência e da técnica na reorganização das sociedades humanas – por volta de 1623. De acordo com algumas pistas biográficas, esse impulso para tornar visivelmente dramáticas as expectativas de um novo mundo, onde a tecnociência elevasse a uma escala nunca testemunhada o “império humano” sobre a Natureza, teria nascido, como reação imediata, a partir do contacto que o sábio britânico tomou com a edição da *Civitas Solis*, do infeliz Tommaso Campanella, obra que havia sido dada à estampa, em Frankfurt, também nesse ano de 1623.

Tanto Bacon como Campanella partilharam uma visão épica acerca do valor da ciência como catalisador da história humana. Ambos acreditavam que o seu uso libertaria a humanidade da superstição, da doença, da pobreza, e de muitas outras modalidades de indignidade a cuja sujeição a sempre frágil condição humana parece condenada. Como sempre ocorre, os grandes fundadores tendem a ser imitados com exagero. A desmesura mimética do otimismo científico tornou-se numa ideologia fáustica, numa estratégia de relacionamento com o mundo que não hesitou em prescindir da verdade em prol do incremento do poderio, mesmo que essa predominância sobre as coisas não passasse de um efémero simulacro de sucesso, destinado a terminar de modo catastrófico.

De onde vem a ameaça, vem também o que salva, como nos recordam os imortais versos de Hölderlin. As Academias das Ciências foram e são, também, o lugar onde a procura da verdade tem lugar contra a lógica dos interesses e das conveniências. Contra o sanguíneo entusiasmo das correntes mais fáusticas, as ciências europeias acusaram sempre a resistência e o primado dos mais modestos seguidores de Prometeu. A procura de uma vida humana plena e realizada exige uma ampla compreensão dos limites materiais e das condições naturais de possibilidade que a ontológica inserção da humanidade na nossa casa planetária exige. Trata-se de uma exigência teórica e prática. Um desafio para respeitar e construir dentro dos nossos limites matriciais que é lançado aos nossos sistemas de conhecimento, mas também às nossas tecnologias e aos nossos modelos de governação. Não há vida sem esperança no futuro. Mas só as esperanças alimentadas pela prudência e moderadas pela sabedoria podem garantir à nossa habitação da Terra não só a dimensão espacial, mas, sobretudo, a duração no tempo.

A Academia das Ciências de Lisboa pertence, desde a sua fundação, à grande corrente do saber com prudência. Ela foi, desde a sua origem, o lugar onde se

desenvolveu uma consciência universalista das ciências, onde se praticou a cooperação interdisciplinar, mesmo antes deste conceito circular nas revistas e nas conferências das diversas escolas. Na linha de rumo de um Abade Correia da Serra, a Academia das Ciências de Lisboa caracterizou-se pela compreensão da responsabilidade social das ciências. Uma responsabilidade que jamais se confundiu com troca de papéis em relação aos atores políticos e económicos que, nas suas esferas próprias, modelam o rumo das sociedades.

NÃO PODERÍAMOS encontrar exemplo mais vibrante desse estilo próprio de vincular as ciências e a sociedade, posto em prática ao longo dos séculos pela Academia das Ciências de Lisboa, do que o longo magistério académico do Professor Adriano Moreira, como esta obra bem o testemunha. Quem quiser perceber o princípio fundamental que orienta o pensamento de Adriano Moreira sobre o papel das Academias e das Universidades, bem como sobre a missão do ensino superior, teria de recuar mais de meio século, até um texto notável publicado em 1966 . Não partilhando o otimismo desmesurado, reinante nesse tempo, Adriano Moreira propunha uma reorganização global do ensino, através da introdução de um Ministério da Ciência e Educação, substituindo o Ministério da Educação Nacional, mas evitando a pulverização da investigação científica. Propunha também a necessidade da Universidade vencer o “complexo de Savonarola”, a recusa em vislumbrar o futuro. Pelo contrário, numa sociedade percorrida por novas e velhas ameaças, o saber deveria ser, cada vez mais, um esforço organizado visando a antecipação do futuro. Essa era, aliás, uma das razões principais para a aposta no desenvolvimento das ciências sociais, de que Adriano Moreira seria um dos mais importantes pioneiros em Portugal.

Antecipar o futuro seria a missão académica por excelência, encaminhando as ciências e as técnicas para uma relação de simbiose com a natureza, em superação do modelo ainda prevalecente do domínio e da conquista. Cuidar do futuro seria a tarefa dos verdadeiros estadistas, articulando a linguagem e lançando as bases institucionais da cooperação regulada, como inevitável ultrapassagem do léxico da guerra e do conflito, apenas possível quando o mundo parecia infinito e a marca telúrica da humanidade era praticamente irreconhecível.

Mas o que transforma Adriano Moreira numa inconfundível personalidade da história contemporânea de Portugal é a intrínseca unidade de propósito entre obra e vida, a absoluta coerência entre o pensar e o agir. Sobre ele ninguém poderá afirmar que a sua obra transcende em muito a sua vida. E isso não porque a sua obra não tenha sido, e continue a ser, valiosa. Mas, pelo contrário, porque as iluminações e inspirações do seu pensamento encontram plena correspondência nos atos e apostas da sua vida, em todos os seus domínios públicos e privados, ela própria desenvolvida como uma verdadeira obra de arte, sujeita a sucessivos processos de alteração e aperfeiçoamento.

Em Adriano Moreira o rigor metodológico do cientista social harmoniza-se com a integridade do cidadão, calibrando a sua liberdade como ator político no quadro de uma

exigente ética pública. Nele não cabem os estados de alma, aludidos por Max Weber, sobre “as forças diabólicas” que se agitam na química interior das almas a quem a história concede uma oportunidade na navegação do destino coletivo dos povos. Chamado a dar o seu esclarecido contributo numa das horas mais dramáticas e sangrentas do Portugal do século XX, ofereceu-se de corpo e espírito ao projeto de um país capaz de vencer a fatalidade e a decadência consideradas inevitáveis. Mas, senhor de um raro domínio de si próprio, soube perceber os limites, identificar aquela linha vermelha que separa o que podemos e devemos fazer, de uma zona de caos e sombras onde podemos deitar tudo a perder dentro de nós próprios.

Nesta nova época crítica da marcha coletiva de Portugal, Adriano Moreira continua a inspirar-nos. Na noite mais longa, no eclipse mais demorado é sempre preciso alguém que recorde àqueles, e são a maioria, que o ciclo da luz regressará, se soubermos cultivar a paciência indispensável a uma informada esperança. Bafejado por uma vitalidade física tão generosa como a frescura crítica da sua inteligência, o Professor Adriano Moreira continua a dar a Portugal o maior dom que todos temos no mais profundo da nossa identidade, o dom de nós próprios. Numa agenda povoada por conferências, seminários, provas académicas, apresentações de livros, reuniões de comissões e conselhos, este Académico ilustre, indiferente à omnipresente expansão da “esfera das transações”, continua a oferecer de si sempre o possível, que é sempre o melhor. Na verdade, Adriano Moreira recorda-nos que uma nação jamais perecerá enquanto seja capaz de produzir uma aristocracia. Não uma nobreza ditada por cartas genealógicas, mas sim uma aristocracia do conhecimento e da ação. Homens e mulheres sempre prontos a rumar em direção ao futuro, antecipando-o por palavras e por ações, não hesitando em arriscar por mares nunca dantes navegados.

*(Comunicação apresentada na Sessão Inaugural do IEAS  
a 18 de Outubro de 2010)*